

Todos os desportistas devem comprar a revista STADIUM

Stadium

N.º 199 — 25 de Setembro de 1946 Esc. — 2\$00

A EQUIPA DO BENFICA



A EQUIPA DE HONRA DO SPORT LISBOA E BENFICA
que derrotou os ingleses do Charlton

MATERIAL ELÉCTRICO
COMPRE SEMPRE NA A ILUMINANTE

A ILUMINANTE

A maior organização do Império

em MATERIAL ELÉCTRICO

LISBOA

Av. Almirante Reis, 6

Largo do Intendente, 11 a 17

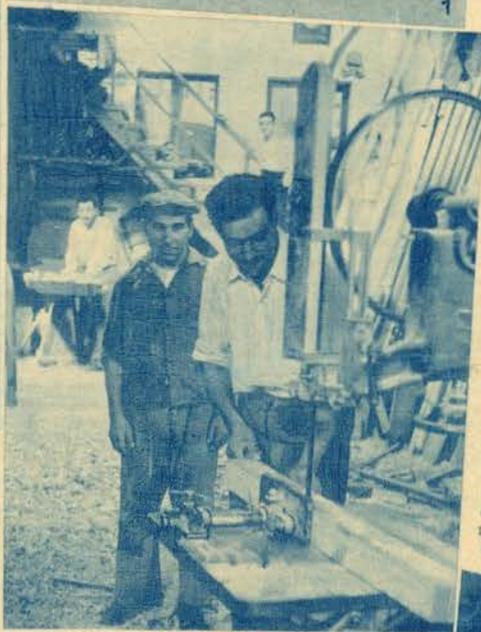
PORTO

R. Passos Manuel, 203-A, 203-B

e 209

AS OPINIÕES de VASCO

São de "Peso"...



EIS Vasco de Oliveira, um metro e oitenta e cinco de altura, 93 quilos de peso — um dos pilares da defesa belenense. Uma das torres! Tem dado nas vistas, não pela *medida*, mas pela sua presença em jogo, subindo gradualmente no conceito da crítica, do «seu público» e do da bola em geral. É o rapaz promete, é a convicção de todos que o vêem actuar, com segurança e energia, valorizando um lugar que tem grandes responsabilidades. Por isso a camisola das quinas tem-lhe sorriso...

Fomos uma noite destas a Cascais ouvir o Vasco, pois que o seu dia na Parede, é de trabalho. Acompanhou-nos um amigo, dos bons do Belenense, o sr. António Pereira da Silva, — cartão de apresentação que em Cascais serve para descobrir o jogador belenense. Encontramo-lo sossegadamente em casa, uma linda vivenda, num ponto alto da vila. Um deslumbramento!

Ante a curiosidade da família — onde existe também o Alzides, bom aquista do Dramático de Cascais — que segue com satisfação a popularidade do seu Vasco, conversamos, recordando primeiro os tempos vividos pelo jogador no Grupo Dramático de Cascais.

— Estou no Belenense há quatro anos. Antes disso joguei tres épocas no Dramático de Cascais. A tanto se limita, oficialmente a minha vida de homem da bola. A saída cá da vila como jogador, claro teve umas *peripetaxinhas*...

O Estoril desejava-me e de facto eu

não rejeitava esses propósitos, se bem que não fosse a minha verdadeira preferença. Mas como era cá da linha... No entanto a confirmação desses desejos foram-se adiando, de semana a semana, de mês a mês, até que um dia Miguel Buttler me visitou. Foi um caso arrumado, tanto mais o Belenense era o clube da minha simpatia. Assim piséi a relva das Salestas.

— Sente-se bem?

— Muito. Em tamaradagem não deve haver melhor. Ambiente de família.

— O lugar de defesa é aquele que preferia?

— Gostava de ser avançado-centro. Ainda me experimentaram nesse lugar, mas os resultados viram-se... Passéi a defesa. Em Cascais jogava a *ball*.

— Que impressão tem do lugar de defesa?

— É o mais fácil de um team, talvez por *apresentarmos* o adversário sempre de frente. Eu cá penso assim!

— Se o Feliciano se tivesse ido embora?

— Claro que fazia falta. Mas tudo na vida tem remédio. Mas todos gostamos muito que ele ficasse, continuando a envolver a camisola com a cruz de Cristo. Com ele, a meu lado, o nosso trabalho de defesa equilibra-se. A confiança que depositamos em no outro serve para manter a validade do bloco defendido do Belenense.

— Qual o avançado que mais teme?

— O Rogério. Deve ser actualmente o avançado português mais perigoso. Obrigá-nos a uma atenção constante. Quando o vemos em posição de progredir no terreno, a caminho da área do chute, temos de lhe entrar logo a acção, de contrário, a «bolazinha» é enviada com grandes probabilidades de se anichar nas redes. O Peyroteo também oferece perigo à defesa, mas é mais fácil de interceptar. O jogador do Benfica, talvez pelo seu físico, é mais rápido, e foge-nos com mais facilidade.

— Dê-nos a sua opinião acerca do futebol português.

— Não posso ter uma opinião bem fundamentada a esse respeito. Encontrei-me a jogar já nas fórmulas modernas do futebol. Mas sempre lhe direi que me parece estarmos disfrutando de boa posição. As nossas exhibições são correctas e normalmente alimentamos noventa minutos de jogo com permanente entusiasmo e interesse.

Tive agora uma desillusão: o desafio do Charlton. Foi para o Estádio com o desejo de abrir bem os olhos para neles reter a técnica inglesa. Pois francamente lhe digo: somos muito melhores. Futebol, por enquanto, prefiro-o à maneira portuguesa.

— Que podemos esperar de si esta época?

— Um grande desejo de me portar bem. Esta época quero dar tudo... e ser internacional. Depois mais uma época e terminará para mim o futebol.

— E o Belenense?

— Não se admitem se ganharmos todos os campeonatos.

Terminou assim, com as maiores esperanças, quanto a si e ao seu clube, a conversa com o «grande» Vasco, um dos bons valores actuais do futebol nacional — grande no corpo, no temperamento e em jogo!

FRNANDO SÁ

1 — Vasco não é um bom adversário para Rogério. Como o diz o belenense: toda a atenção é pouca!

2 — Vasco, na oficina, que é do seu pai, trabalha como joão, infatigavelmente!

3 — Vasco, eis um operário muito hábil!

Ganha-se num instante

... Caso do Benfica sobre o Belenenses!

Nos grupos raramente há equilíbrio
Ou se destaca a defesa, ou o ataque!

Crónica de TAVARES DA SILVA



DISPUTOU-SE no passado domingo a 2.ª jornada do Campeonato de Futebol de Lisboa, na regularidade que caracteriza as competições de futebol. Mantém-se o

mesmo panorama da jornada inicial, mas vão aparecendo novos matizes, como que uma luz nova. O nivelamento de valores é um facto. Já se pode, todavia, acrescentar mais alguma coisa. Ao que parece, o *team* da Cuf não consegue manter-se na roda dos outros clubes. Já o Oriental, o onze da estreia, se comporta com extraordinária energia. O Atlético, por sua vez, não tem o auxílio da *chance*, esse elemento imprescindível para ganhar campeonatos. Os 3 grandes confirmam a sua força e poderio. O Sporting mostra poder de realização, a ratificar de futuro. O Benfica impõe-se pela sua fibra e adestramento. O Belenenses, apesar de vencido, é de entre todos o que dá jeitos de melhor *forma*.

Os clubes seguem a sua marcha sujeitos à trajectória da *forma* e a vários caprichos, entre os quais a lei das lesões e dos castigos. De um modo geral, todos devem melhorar, uns mais rapidamente do que outros, tendo como base a importância e a popularidade elubistas. Não é indiferente um jogador envergar a camisola dos 3 Grandes ou qualquer outra...

Da 2.ª jornada saíram os seguintes resultados:

Benfica..... 2 — Belenenses.. 1
C. U. F..... 0 — Sporting.... 7
Oriental.... 1 — Atlético..... 1

Tanto quanto se pode afirmar, em conjunto, da segunda data do calendário e avaliar pelo consenso geral, o último domingo não proporcionou futebol de grande técnica e de actos heroicos. Não devemos ser pessimistas. Jogou-se o suficiente, em quantidade e qualidade, atendendo a estarmos ainda no começo da temporada e ao calor que fazia, para poder sustentarem-se que o futebol mantém os seus créditos. Jogamos alguma coisa, e mais do que muita gente pensa.

Apareceram alguns valores novos, que vêm enriquecer os quadros do jogo. Citemos Palma Soeiro e Vasques, respectivamente, no Belenenses e no Sporting. O primeiro é sobrinho do antigo jogador Manuel Soeiro. Por outro lado, os novos já iniciados confirmam



Pinto Machado, o novo guarda-redes do Benfica, que está a ganhar nome, defende para canto!

qualidades. Devemos ter boas palavras para Travassos e Corona.

A classificação geral ficou estabelecida da seguinte maneira: Sporting 6 pontos, 2 vitórias, 12 *goals* a favor contra 4; Benfica 6 pontos, 2 vitórias, 9-4 em bolas; Belenenses 4 pontos, 1 vitória e 1 empate, 3-3 em bolas; Oriental 3 pontos, 1 empate e 1 derrota, 2-3 em bolas; Atlético 3 pontos, 1 empate e 1 derrota, 5-6 em bolas; Cuf 2 pontos, 2 derrotas, 3-14 em bolas.

O fulgor do Benfica



APERTOU terrivelmente o calor. Apesar disso, o Campo Grande registou boa casa. O público da bola é especial, e sujeita-se a tudo para saborear o prato favorito. Houve pessoas que, insensíveis ao calor, viram a 2.ª categoria, e depois a reserva, e depois as 1.ª...

O desafio foi curioso, comportando fases de beleza e alguns golpes de efeito. Isto deu-se lá uma vez por outra. Mas nem sequer se poderá em consciência fazer grandes reparos à média geral de jogo, sabendo-se que estamos no início da época e que tivemos um domingo de abrasar.

É possível, quase certo, que o Belenenses tenha sido mais regular. Na verdade, do princípio ao

fim, com a defesa em destaque, os *azuis* mostraram sempre o mesmo tom de jogo. Quando a *lei das lesões* atirou para fora do campo o internacional Francisco Ferreira, os de Belém perdiam por 2-0. Embora martirizados pelo calor e pelo jogo, ao sentirem a possibilidade de anularem as duas bolas, os belenenses fizeram um esforço considerável nesse sentido. O *team* adoptou a conveniente toada de ataque, invadindo com vontade e decisão o campo do adversário. Viveram-se, então, momentos de emoção pura, e o problema só ficou decidido quando o árbitro ordenou: — fim de combate. O Belenenses não passou de 2-1, por falta de remate, e de sorte, e ainda porque o adversário se defendeu com apego e brilhantismo, multiplicando alguns elementos os seus esforços. Caso de Moreira e de Félix!

O Benfica conseguiu, portanto, um poder defensivo à altura do momento e das circunstâncias, mas deve vincar-se — que coisa séria! — o trabalho da sua linha atacante. Os cinco avançados constituem um todo, e mudam de poiso e mexem-se com facilidade incrível. E uma linha que deverá fazer tremer muitas defesas, e se não fora a grande categoria do Belenenses, neste sector, outro galo cantaria!

Porém, a defesa azul portou-se às mil maravilhas. Os três homens conjugam esplendidamente os seus esforços, e o terceto respira força e jogo. É uma defesa

de respeito! Ainda susceptível de acentuada melhoria, pois Capela aperfeiçoou-se e não pára, e Vasco readquire aos poucos confiança nos seus méritos.

O jovem Pinto Machado, não isento de erros, revela classe; mais acostumado ao público, dará, certamente, conta do lugar. Artur Teixeira esteve discreto, e Félix brilhou a grande altura. Nos meios, destacou-se o centro, Moreira, especialmente quando se tornou necessário suprir a ausência do extraordinário Francisco Ferreira. De Jacinto, e fazendo-se o seu melhor elogio, salientaremos que se integra no bom conjunto, e está dito tudo. O n.º 1 da linha da frente foi Arsénio, de jogo inimitável, em algumas ocasiões cintilante. Mário Rui complicou os golpes, tão simples, por vezes... Espírito Santo esboçou lances da melhor execução, nem sempre usando a orientação que se impunha. Corona, defeituoso na passagem, que muitas vezes lhe saiu comprida e desordenada, continuou a mostrar qualidades. Também Rogério não jogou o que as suas espantosas qualidades justificam!

Capela traçou uma das grandes exhibições da sua vida. Não se pode exigir mais. Vasco melhor de época para época, aliás, de partida para partida, aperfeiçoando-se no toque de bola e precisando somente, agora, da corrida própria do futebol. Feliciano recuperou o perdido a olhos vistos! Amaro ainda não está na sua melhor *forma*; para lá caminha. Sérgio actuou desorientado: com visível desejo de acertar e não acertando. Serafim cota-se como um dos melhores médios portugueses. Rafael, jogando à direita, foi o melhor dos avançados belenenses, pela sua eficiência, enquanto que Quaresma tomou o papel de orientação. Andrade esteve fatal. José Pedro não teve pernas, e a estreia de Palma Soeiro não pode classificar-se de auspiciosa, e bem o desejariamos.

A insistência do Sporting



S lesões estão, pelos vistos, na disposição de organizar nos cânones ingleses do M o seu sistema defensivo. Já por várias vezes temos afirmado

que, em nossa opinião, o que é preciso é ter um sistema (saber escolhê-lo!) e este ser bem executado. O êxito dependerá, em última análise, da execução. De que servirá um método óptimo com maus jogadores? No entanto, deverá entrar-se em linha com o homem a utilizar. Por exemplo, afigura-se-nos erro de visão insistir na transformação de M. Marques em defesa cobrindo o extremo, não falando já na implantação de Barrosa no centro do terreno. Em experiências já feitas, na época passada, o conhecido Manecas não convenceu, mesmo por essa colocação não ser visivelmente do seu gosto. Dir-se-á que esta *defesa* não suportou nenhuma bola, mas tal argumento não procede. Os resultados devem ser vistos à luz do adversário, e a linha avançada da Cuf não tinha altura suficiente para causar apreensões.

O *team* da Cuf não é mau, e parece-nos mesmo susceptível de

O holandês Seilberger

é o juiz indigitado pela equipa portuguesa de problemistas de Xadrez para o «match» luso-espanhol

Portugal-Espanha em problemas é neste momento a preocupação máxima dos novos problemistas portugueses. O esforço dos nossos compositores está bem patente ante o número de trabalhos recebidos já, pelo Sr. Rui Nascimento, seleccionador nacional. Acresce que o entusiasmo verificado é plenamente compreensivo, pois a categoria das composições recebidas até agora neste, de um modo irrefutável, os magníficos progressos dos nossos problemistas, e leva-nos a confiar no êxito da nossa iniciativa.

Sabemos que, em Espanha, o «match» é observado com a devida atenção, e que, como cá, se confia na vitória das suas cores. Os espanhóis não se lançaram de ânimo leve numa prova de considerável repercussão mundial, porque, detentores de sólido prestígio, sabem quanto os comprometeria uma derrota dos seus novos problemistas infligida por uma equipa cujo valor ainda passa despercebido, talvez, entre tantos valores fulgurantes dos mais fortes centros de xadrez. Isto é mais um estímulo para os compositores portugueses, cujo espírito desportivo e de competição atinge o rubro sempre que está em jogo a tradicional rivalidade dos dois povos ibéricos!

Em cumprimento de uma cláusula do Regulamento do Torneio, o seleccionador português acaba de comunicar ao seu «colega» espanhol e a Mr. G. F. Anderson, o

«intermediário», o deferimento do convite dirigido ao problemista holandês P. A. J. J. Seilberger para integrar-se no júri que examinará e classificará a totalidade dos problemas concorrentes.

Seilberger é um dos melhores mestres do Problema holandês. A sua longa carreira — vai para cinquenta anos de ininterrupta actividade problemística — está assinalada por numerosos êxitos — cerca de 80 distinções!

O último número da S. E. P. A. insere alguns esclarecimentos acerca dos lemas propostos por ambas as equipas. Infelizmente, uma das observações, sobre o lema *Portugal*, é incorrecta, pois determina um mate passivo obrigatoriamente por peça branca, que se encontra pregada no momento do mate.

Informamos que não é necessário a pregação da peça branca nos mates, quer no passivo, quer no activo. Somente se determina que, na chave, ou depois da chave (não é necessário chave de pregação), a peça branca esteja pregada, seguindo-se então as deslocações, que proporcionarão então os mates temáticos.

A S. E. P. A. esclarece também que no lema *Espanha* não é necessário que sejam as pretas a abrir a linha branca que determinará a abertura compensadora (as brancas cerram uma linha branca porque, simultaneamente, abrem outra, sobre um ponto determinado).

melhorar. Tem jogadores de futuro. Gastão, por exemplo, já está comprovadamente um jogador. Mas não era grupo com potência suficiente para pôr à prova um grupo como os *leões*, que dispõe de uma linha avançada muito forte. O ataque leonino andou bem, no último domingo. Os novos interiores deram conta do recado, e os atacantes souberam atirar às balizas. Travassos sabe do jogo e Vasques mostra habilidade. Quanto a realizar boas, salientaram-se Jesus Correia e Fernando Peyroteo. Os grupos alinharam da seguinte maneira:

Sporling — Azevedo, Cardoso, M. Marques, Canário, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e João Cruz.

Cuf — Laranjeira, Alves, Armando, Curtinhal, Armando Carneiro, Gastão, Leitão, Serra, Sousa Pereira, Vicente e Osvaldo.

Árbitro — Augusto Oliveira Machado.

A tenacidade do Oriental



Um *team* é um conjunto e a defesa não pode desprender-se do ataque, e este daquela, pela necessidade de conjugação de esforços e movimentos.

Essa conjugação é fundamentalmente um meio para atingir um fim. Mas quase todos

os grupos têm o seu ponto forte, e os desafios tanto se ganham com uma boa defesa como com um ataque excelente.

Na Tapadinha, domingo último, o Atlético produziu, porventura, melhor futebol que o seu adversário, mas não conseguiu mais do que o empate. Porquê? — Porque a sua linha avançada, viva e aguerida, teve de se haver em todos os momentos com uma defesa tenaz, forte e decidida. Jogadores que põem na luta todo o seu entusiasmo e vibração, mas que sabem também jogar. Sem isso não seria possível barrar por completo o caminho e tapar quase todas as brechas do jogo.

O mais curioso do caso é que tanto um como outro dos grupos jogou melhor contra do que a favor do vento, nesse período marcando as suas bolas: a do Oriental, aos trinta minutos, por Moura, e a do Atlético, aos 59, por Marques. Na primeira parte, os orientais sofreram a grave perda de Rocha, e logo sucedeu o mesmo percalço ao avançado atlético Rosário. A lei das lesões mais uma vez influíu decisivamente no decorrer da partida.

O Atlético continua sem sorte, pois está perdendo pontos que, podendo conquistar, muita falta lhe devem fazer no futuro. É justo vincar, no entanto, a forma como o Oriental se está a bater, lealmente e com grande tenacidade. O interesse que os seus adeptos estão a tomar pelo seu representante diz-nos estarmos em pre-

Eduardo Ricciardi

é o novo campeão de Portugal

DISPUTARAM-SE, recentemente, no Porto (scourts do Lawn-Tennis da Fox, os campeonatos nacionais de ténis de 1946, cuja organização foi confiada à Comissão Delegada da Federação, naquela cidade.

Relativamente à organização, esta edição do certame não trouxe novidades. Não se quebrou a alternativa de Lisboa e Porto para efectivação dos campeonatos, nem houve desdobramento de jornadas, pois as competições de 1.^{as} e 2.^{as} categorias realizaram-se simultaneamente, forçando a árdua tarefa os concorrentes que nas duas categorias tiveram maior permanência nas provas, como, por exemplo, Luis Baptista.

Foi esta circunstância, segundo lemos num jornal do Porto, que provocou o adiamento da final de singulares-homens, de 2.^a categoria. Admitia-se o facto por um espaço nunca superior a 24 horas. Por cerca de uma semana é que não está certo. Isso representa uma deficiência da organização, que abre um mau precedente e merece censuras.

Os Campeonatos Nacionais de 1946 excederam as melhores previsões no que diz respeito à luta entre jogadores do Sul e do Norte. O número dos que se deslocaram de Lisboa foi sensivelmente superior ao habitual nos últimos anos, dando-se, até, a circunstância do Sul ter vantagem quantitati-va nas provas femininas e nos «mist».

Saliente-se, com agrado, que nas provas masculinas o número de concorrentes do Sul e do Norte foi sensivelmente igual.

Esta maneira, a designação de «Campeonatos Nacionais» teve mais ampla justificação, tal como a presença de alguns jogadores, en-

tre os quais Eduardo Ricciardi, muito valorizou as provas.

Pode, portanto, afirmar-se que os Campeonatos Nacionais de 1946 foram dos melhores dos últimos anos.

Em primeiras categorias apuraram-se os seguintes vencedores:

Singulares-homens — E. Ricciardi; *singulares-senhoras* — Peggy Brixhe; *pares-homens* — José Roquete e Eduardo Ricciardi.

Diga-se desde já que as três provas tiveram desfechos normais e que os ídolos ficam em boas mãos.

Em singulares-masculinos, entre os 15 concorrentes, cinco eram de primeiras categorias:

Manuel Pratas Dias e Eduardo Ricciardi, de Lisboa, e José Roquete, V. Horta e Costa e M. Nicolau de Almeida, do Porto. Nenhum deles deixou os seus créditos por mãos alheias: nas meias finais figuraram os quatro últimos e Pratas Dias foi eliminado, nos quartos de final, por Ricciardi.

A final Roquete-Ricciardi deu a vitória do lisboeta, ao cabo de cinco partidas. Ambos foram adversários dignos um do outro neste encontro, que provocou a mudança da posse do título.

Em pares-homens, as «coisas» passaram-se de forma idêntica. Nas meias-finais figuraram os mesmos cinco elementos de primeira categoria, completando-se o conjunto com Kendall, L. Baptista e M. Matos. A final foi disputada em quatro partidas.

Peggy Brixhe era a única jogadora de 1.^a categoria, em singulares-senhoras. E isto diz tudo... Maria Irene Silva Araújo foi, com toda a naturalidade, finalista.

Lisboa teve, pois, acentuada vantagem nas provas da categoria principal.

Mas, na segunda categoria verificou-se a superioridade dos nortenhos, embora resultando, praticamente, de dois jogadores: Luis Baptista e Alfred Hardy Júnior.

No momento em que escrevemos só estão apurados os vencedores de singulares-senhoras e pares-homens, respectivamente, Maria José Silva Araújo e Manuel Matos-Luis Baptista.

Em singulares-homens, a vitória pertencerá a um nortenho: Luis Baptista ou Hardy Júnior, vencedores das meias-finais.

Os lisboetas, porém, tiveram comportamento meritório, pois, além da vitória duma jogadora lisboeta, em singulares, sendo finalista outra lisboeta, o ténis do Sul esteve representado na final de pares-homens por Henrique Cunha-Joaquim Nunes dos Santos e teve, na meia-final da mesma prova, outra formação da capital: Rui Pereira-Júlio Bastos, que foi vencida pelos novos campeões.

Em singulares-homens, David Cohen e Henrique Cunha chegaram às meias-finais, sofrendo, nessa fase da prova, eliminação que não deslustrava.

T. S.

Diamantino Dias

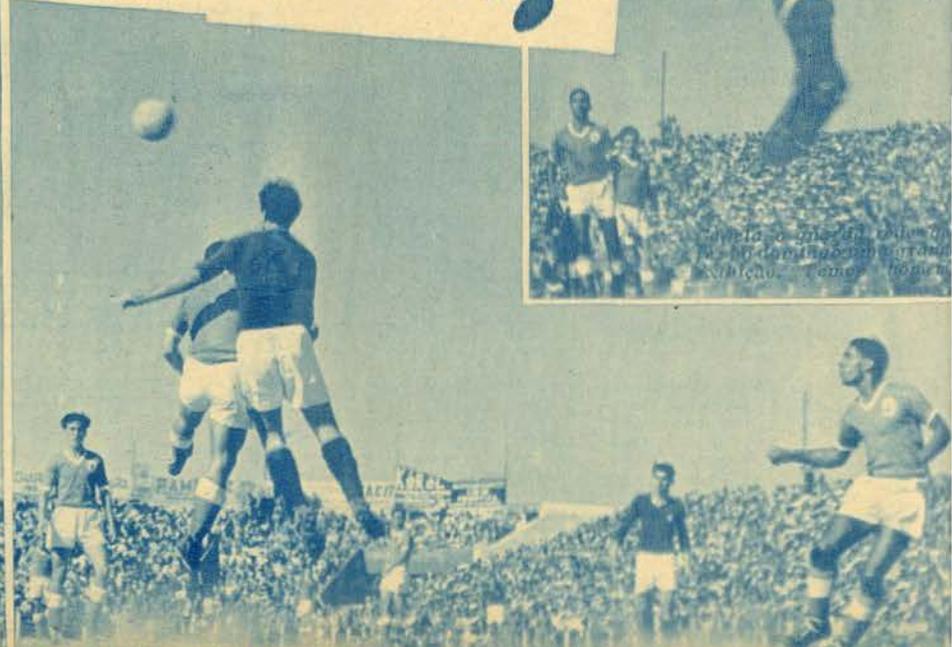
Assim, desta maneira, o Benfica triunfa, marcando a segunda bola! Capela não conseguiu tirar a bola presa nas pernas de Arsénio. Sério tão pouco. Nem Serafim. E a bola seguirá a sua trajetória, entrando nas redes, numa confusão!



Mário Rui e Arsénio saltam à bola. Um deles é mais ágil. Mas os saltos também devem ter peso, conta e medida!



O médio em luta com o avançado. É a jogada clássica!



Luta-se com denodo e entusiasmo junto das redes belenenses.

**BENFICA
BELENENSES**
*um desafio
em que se jogou
até ao último
minuto!*



Capela o médio em luta com o avançado em jogada clássica. Temos honra!

A única de MANOLETE

OS que viemos ver a única corrida que Manolete toureará este ano na Europa, começamos por ver dias antes o toureiro que com ele devia formar parêntese: Pepe Luis. E que bem toureou o mais artista dos toureiros sevillanos, aquele que com Pepe Martín Vasquez defende a atrevida maneira sevillana! Cortou orelha e cortaria o interesse pela corrida de «Manolete» se este não defendesse em mais alto grau a escola cordovesa, a mais séria.

Assim, se a Monumental se encheu para admirar «Manolete», com gente lá fora, sem bilhete; esperando notícias à saída, ouvindo a rádio que tudo foi relatando. Acresce que em Madrid se afirmava ser esta a corrida de despedida de «Manolete», o que pode acontecer, ainda que ele o negue, preparando a retirada em silêncio, como «Guerrita» e «Machaco», que os cordoveses são assim, saídos e discretos em suas decisões.

O primeiro touro de corrida famosa, que começou às 16 e 30 por serem nove os lidados, foi para Domecq que o toureou bem a cavalo e melhor a pé, pelo que cortou a primeira orelha. Depois, depois vimos toureat com a melhor arte cigana, o «Gitanillo de Triana» cortou a segunda orelha, afirmando a sua presença na corrida do seu compadre e amigo Manuel Rodríguez.

«Manolete», que quis antes o touro pequeno do seu lote, limitou-se neste à preparação do êxito que depois havia de vir no grande, no maior da tarde, pezando quinhentos quilos, mais de trezentos em canal, para que se saiba que nos touros grandes é que ele é grande. Toureou-o como só ele sabe e matou-o como raro: matou-o de uma só vez, e todos os espectadores se lhe entregaram, até os que em Madrid o hostilizam, e cortou duas orelhas, a deu duas voltas à arena, e agradeceu no meio da praça, e continuou sendo aplaudido quando o touro seguinte já havia saído.

António Bienvenida desaproveitou os seus dois touros e a oportunidade que lhe oferecia a corrida, mas Luis Miguel Domínguez soube bem aproveitar os seus dois, e cortar orelhas em ambos. Safu em ombros, mas, à saída, era de «Manolete» que falavam os que de toda a Espanha o viam vir, ainda que os de Madrid tentassem eclipsar o de Cordova.

No entanto eram de Madrid os que à porta do hotel onde «Manolete» se hospedava, se aglomeravam a ponto de ali se não poder entrar e ser necessário chamar guardas para dispersar a multidão.

E que os de Madrid, têm, além do entusiasmo pelos seus toureiros, a intuição das figuras históricas do toureio. Aqui admirou-se em tempos de Frascuelo a arte excelente de «Lagartijo», o cordovês de quem «Manolete» é o continuador. E também não podiam esquecer os madrilenos que «Manolete» tomou a iniciativa desta corrida em que toureou gratis para o Hospital de Madrid. E cá em baixo, na Praça de San' Ann, haviam palmas as crianças madrilenas que ali se reúnem, a brincar.

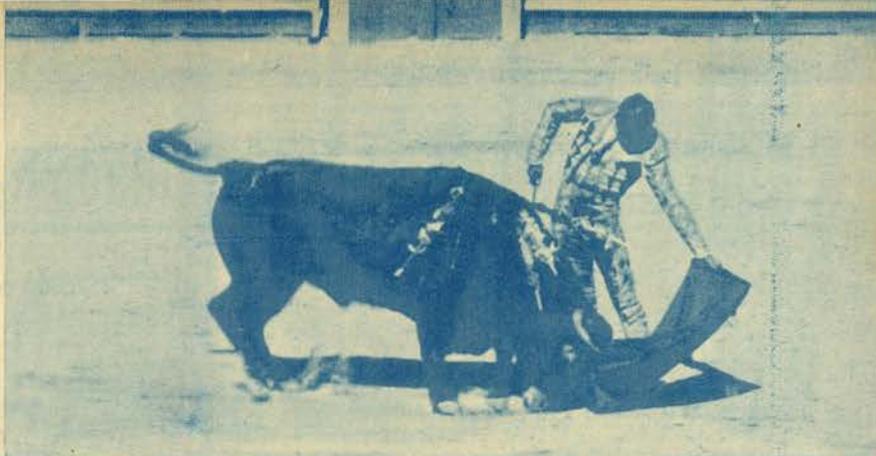
Da janela do quarto de «Manolete», conversando com o seu apoderado «Comarás», contemplamos a espectacular daquela admiração sincera e incontível. «Manolete», depois de gravar para a Rádio as suas impressões acerca da corrida, deixou-se, cansado, com o busto nu e os largos braços estendidos para todos os que desfilavam para o cumprimentar, a mão pronta a firmar todos os albrua que lhe apresentavam os caçadores de autógrafos.

Um grupo de caçadoras gentis suplicou-lhe a porta permissão para entrar. «Se puede?» E «Manolete», com o busto nu, respondeu, naturalmente:

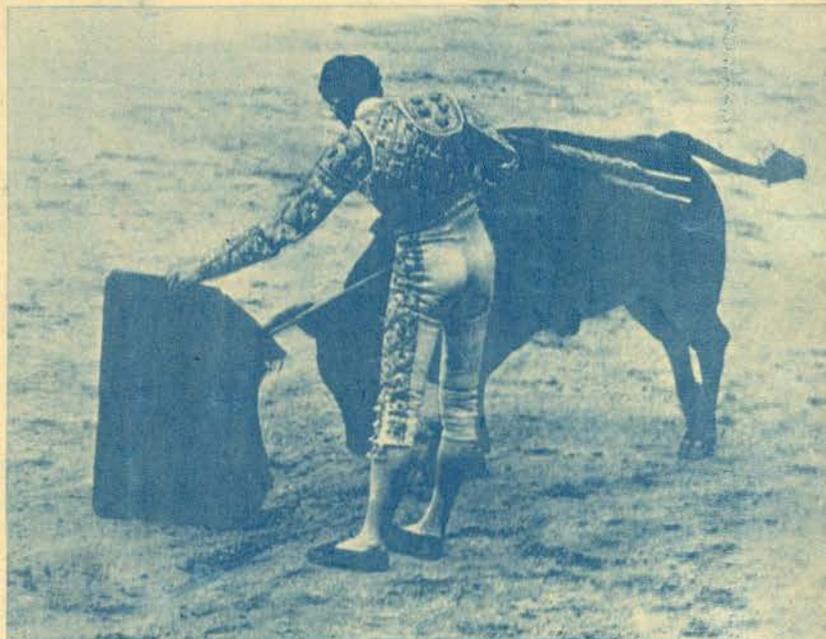
«Por mí, sí». As caçadoras tiveram um movimento de surpresa ao verem aquele busto nu, mas depois entraram confiadas, chegando até olharem sem preocupação, sem falso pudor, aquele peito de herói popular, como as patricias romanas olhavam os soldados que quase nas regressavam da guerra.

«Manolete» venceu a batalha da sua rezação, numa única corrida, sem treino de lide prévia de algumas bezerras. Há um ano que não se punha diante dum touro de raça espanhola, e toureou como ninguém toureia em Espanha, e matou como já se não mata em Espanha.

Por isso bem mereceu a apoteose popular, e o abraço que após a sua corrida única recebeu dos seus admiradores, entre os quais tem pública honra de se contar.



Rafael Vega de los Reys «Gitanillo de Triana» deu a nota cigana e artística na Corrida para o Hospital de Madrid, toureando por «cante jondo», cortando orelha, deixando o melhor sabor, «calés», artista! E' que o irmão de Curro Puya é hoje genro de Pastora Império



Assim toureou «Manolete» na sua única corrida desta temporada, à dois palmos do touro, a «muleta» no «piton» contrário, parado, tranquilo. Cortou duas orelhas, deu duas voltas à arena e foi chamado a meio da praça, «El Monstruo!» «Manolete!» «Manolete!»



Os toureiros da Corrida de Beneficência subiram ao camarote de Franco que os felicitou. «Manolete» esboça um raro sorriso. Os olhos negros do moreno «Gitanillo de Triana» assomam frente à figura da esposa do Chefe de Estado, e Alvaro Domecq sorri também, porque também cortou orelha

A última semana foi de actividade intensa

As provas de selecção para o IV Portugal-Espanha

POUCAS vezes a natção portuguesa terá registado um período de tão intensa actividade. Actividade que, felizmente, no caso presente, é sinónimo de progresso.

Referimo-nos, como se calcula, à magnífica digressão a Espinho, realizada pela equipa do Grupo Desportivo Estoril Praia, onde se verificou a melhoria de dezasseis recordes nacionais. O facto, por inédito e difícil de repetir, ficará, por certo, como um dos pormenores mais notáveis da temporada em curso. Só o Júnior Jeremias da Ponte Simão colaborou em onze novos recordes. E Mário Simas deu o seu esforço a cinco. Na impossibilidade de a eles nos referirmos pormenorizadamente, não queremos, no entanto, deixar de pôr no devido relevo a marca excepcional obtida por Mário Simas nos 100 metros-livres: 1 m. 00 s. ²/₁₀. O anterior recorde pertencia-lhe

com 1 m. 01 s. ²/₁₀. É a primeira vez que um nadador português se credita na casa de um minuto.

Patroni em evidência no festival de homenagem à equipa do Funchal

Pela primeira vez vimos Gailherme Patroni correr 400 metros. E devemos declarar que não esperávamos tanto do campeão dos principiantes. Com efeito, Patroni excedeu toda a expectativa, vencendo com indiscutível autoridade — e brilhantismo — o campeonato nacional da distância, João Pereira Bastos, e creditando-se no magnífico «tempo» de 5 m. 38,9 s., contra 5 m. 49,6 s. do seu adversário. E correu, depois, em 2 m. 34,8 s., os 200 metros-livres, em eloquente demonstração da sua «forma» actual. E assim nos proporcionou os dois melhores momentos deste festival, em que

se prestou justa homenagem aos simpáticos e valorosos nadadores madeirenses — Vasco de Abreu, José da Silva e Frederico Henriques.

O Algés conquistou a taça «Fernando Camarinhas»

Deste festival, organizado com o fim de prestar homenagem à memória do malogrado nadador Fernando Camarinhas, podem-se tirar várias conclusões, que são, afinal, a melhor síntese da maneira como as provas decorreram. São elas: bom lote de iniciados, a demonstrar abundância de matéria prima e trabalho em profundidade no Sport Algés e Dafundo; a excelente condição física de Gailherme Patroni, que correu 66 metros-livres em 39,6; a revelação de um novo nadador de braços — o principiante do Nacional, Francisco Cabral da Silva, vencedor dos 66 metros, em 53,4 s.; o retorno de «forma» de Fernando de Sousa, que cor-

reu os 100 metros-livres em 1 m. 9,8 s., a demonstrar, mais uma vez, excelentes qualidades, que pena é não sejam devidamente aproveitadas; e por último — porque os últimos são os primeiros — a vitória de Silva Marques nos 100 metros-brasos, em 1 m. 24,3 s., num exemplo edificante de desportivismo.

Com vista ao IV Portugal-Espanha

Domingo último, na piscina de Algés, disputaram-se várias provas com vista ao apuramento de alguns nadadores que deverão constituir a equipa que, no próximo sábado, parte a caminho das Canárias.

Baptista Pereira, consideravelmente destreinado, correu os 1500 metros-livres em 24 m. 35,9 s., marca que nos poderá comprometer seriamente, mesmo levando em conta o poder de recuperação do forte alhandrense.

Pereira Bastos será, de parçaria com Mário Simas, o nosso representante em 100 metros-costas, pois assim se classificou, nos provas de domingo.

Carlos Azevedo Jálilo e Vasco de Abreu serão os novos «internacionais», como componentes das 4x200 metros-livres.

O encontro de este ano — o quarto da série — está a ser aguardado com natural interesse, ainda que prejudicado por uma organização de última hora. E às possibilidades de ambas as tarmas nos referiremos em próxima crónica.

Abreu Torres

HIPISMO

As últimas provas do Concurso de Cascais

TERMINOU o X Concurso Hípico Oficial de Cascais, que durante seis dias proporcionou lutas desportivas do maior interesse e no qual se alcançaram magníficas vitórias.

Já fizemos referência às duas primeiras jornadas, mas a vastidão do programa, espalhado por mais cinco dias, impede-nos de lhe fazermos um comentário pormenorizado.

Não queremos no entanto deixar de registar o que mais nos agradou, limitando-nos à apreciação dos vencedores duma maneira geral e reservando-nos para, em futuro trabalho, nos referirmos à actuação de cavaleiros e cavalos que mais se distinguiram.

Na 3.ª jornada o tenente Henrique Calado, um dos mais brilhantes e sabedores concursistas portugueses, levou o «Abranhos» à vitória na «Regularidade», conduzindo-o com uma correcção que torna possível aquilo que não se calculava — que ele saltasse sem faltas 37 obstáculos. Parecia um «ás» e era simplesmente o «Abranhos»!

Simpática a vitória de D. Maria José Vilela na prova «Gandarinhas» e agradável a de Helder Mendonça na prova «Discipulos». Este rapaz, que está a despedir-se, porque está à beira dos 18 anos, tem valor e desembaraço, ganhando quase sempre que se inscreve, ora com «Jocosos», ora com «Palóia», como em 1945, ora com «Cinéfilo», como este ano. A «ceça» proporcionou a «Ra-

so», com o capitão Correia Barrento, uma bonita vitória, tanto mais brilhante quanto é certo que a prova era difícil e não permitia grandes velocidades.

No penúltimo dia de percurso disputou-se a «Taça General Carmona», (taça de honra), em prova de «barrages». Contra todas as expectativas mas com muito brilho a vitória pertenceu a «Ebro», que o marquês do Funchal conduzia, servindo-se da sua longa prática e dos seus vastíssimos conhecimentos para levar o seu cavalo ao 1.º lugar da classificação, em luta com animais de muito maior categoria.

O tenente Henrique Calado, no irlandês «Refused», venceu a prova «Daque de Palmela», e o alferes Manuel Cerqueira, no «Bairrista», a «Monte Estoril Hotel». O primeiro confirmou a classe do seu cavalo e o segundo conseguiu justo prémio, dada a sua actuação em provas anteriores — é um novo com qualidades.

Finalmente, no domingo disputaram-se as provas «Despedida» e «Grande Prémio». A primeira ganhou-a «Don», montado pelo alferes Granate, e a segunda — a mais importante do certame — proporcionou a «Raso», com o capitão Correia Barrento, mais um triunfo magnífico. Basta que se diga que fez o único percurso sem faltas, apesar das inúmeras dificuldades que ele apresentava.

Magnífico sob todos os aspectos este concurso de Cascais!

Antas Teixeira

HOQUEI EM PATINS

Os sintrenses no Porto

Vitória contra os campeões do norte e empate com o Infante de Sagres — eis os resultados do segundo classificado do torneio de Lisboa

PODEM ufanar-se os sintrenses dos resultados que foram conquistar na sua deslocação para o Porto: realmente, um empate (3-3) no primeiro jogo, contra o Infante de Sagres, e a vitória no dia seguinte, por 3-2, ao defrontarem os campeões do norte, são títulos de glória — que dizem bem da categoria do 2.º classificado no torneio lisbonense. E amanhã, em que têm por adversário o campeão nacional, no seu próprio rink, os sintrenses vão certamente procurar obter «marca» que lhes consiga, senão a conquista do almejado título, pelo menos uma classificação lisboitena.

Com efeito, têm valor para isso, mas afigura-se-nos que ainda não será esta a vez da surpresa...

O Infante de Sagres — que bateu o campeão nortenho e agora impôs um empate ao Sintra — está a colocar-se na melhor posição; na sua vinda a Lisboa, de resto, impressionou satisfatoriamente, quer em Sintra quer em Paço de Arcos. Perdeu — mas deixou vincado um valor relativo e que só não aparece mais à superfície por ausência de jogos com equipas categorizadas: os irmãos Soares

(dizem-nos que António vai abandonar a actividade!), assim como Gomes da Costa e o esperançoso Figueiredo, são elementos aproveitáveis, uns já consagrados e outros apresentando facultades que lhes garantem futuro promissor.

A classificação dos quatro clubes, de momento, é a seguinte:

J. V. E. D. Goals P.

Hoquei Sintra	4	2	1	1	14-16	9
Inf. Sagres...	4	1	1	2	13-24	7
Paço de Arcos	2	2	—	—	20-5	6
Académico...	2	—	—	2	4-6	2

Veja-se, por simples curiosidade, a diferença de situação dos dois campeões: Paço de Arcos — com dois triunfos; Académico — com duas derrotas! E em relação aos 2.º nos torneios regionais, igualmente o Sintra está melhor do que o Infante de Sagres.

Para termo de comparação de valores entre os dois clubes portugueses, guarde-se a visita do Académico — que jogará em Lisboa (?) no sábado próximo e no domingo; quer dizer, em Sintra e em Paço de Arcos, o que não será bem a mesma coisa.

Jorge Monteiro

ATLETISMO

Novo recorde francês dos 1.500 metros

MARCEL HANSENNE, o magnífico corredor de meio-fundo francês, bateu o recorde nacional dos 1.500 metros, durante uma prova efectuada em Estrasburgo, percorrendo esta distância em 3 minutos e 48,5 segundos.

O antigo máximo estava em 3 m. 49,2, desde 1930, e pertencia a Júlio Ladoumègue.

... e mundial das dez milhas

EM Helsinquia (Finlândia) o fundista Yro Heino, campeão da Europa dos dez quilómetros, estabeleceu um novo recorde do Mundo das 10 milhas (16.093,14 m.), cobrindo o percurso em 49 minutos e 22,2 segundos.

e dos 4x800 (estafetas)

EM Estocolmo, durante um certame atlético designado por «jornada grega», a equipa nacional sueca, composta dos corredores Sten, Linden, Lindgaard e Lenari Strand, bateu o recorde mundial dos 4x800 metros (estafetas) no tempo de 7 minutos e 29 segundos.

Este máximo é superior, igualmente, ao das 2 milhas (4x880 jardas), estabelecido pelos americanos em 7 m. 34,6 segundos.

HIPISMO

A famosa corrida St. Léger

ESTA competição hípica tradicional, espécie de prova-real do Derby d'Epsom e portanto reservada a poldros com 3 anos, foi magnificamente ganha por Airborne.

É costume dizer-se que o vencedor do Derby, se nem sempre é um bom cavalo, jamais o é mau. Desta vez parece ter saído muito bom, visto haver conquistado os dois troféus, facto raro, que não se repelia desde 1935, quando Bahram obteve dupla vitória no Derby e St. Léger.

A corrida efectua-se em Doncaster, no mês de Setembro, sendo a distância a percorrer igual a 2.937 metros. Constitui um dos criterium de qualidade do turf. Neste ano (1946) foi batido o recorde de assistência, avaliando-se em mais de 500.000 pessoas, muitas das quais mineiros da região. Como se sabe, só os lugares das tribunas são pagos e os restantes, ao longo das barreiras, são gratuitos. Nos primeiros houve 125.000 espectadores e cerca do dobro nos peões de entrada livre.

Dos 14 cavalos que alinharam à partida, Nirgal e Carassin são franceses. O primeiro, do conhecido criador Marcel Bousac, e o último pertencente ao barão Eduardo de Rothschild. Todos os animais transportavam sobre a sela (incluindo o jóquei) o peso de 57,150 kg.

Em segundo lugar, a um comprimento e meio, ficou Murren. O prémio disputado, que coube ao vencedor, foi de 9.760 libras.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

NOTA DA SEMANA

JOSÉ LUIS BARROW, um mulato natural de Detroit, mais conhecido universalmente pelos primeiros nomes, acaba de demolir a muralha, em escassos minutos, a anomalia de outro representante do sexo forte.

Como nas mágicas teatrais em que o Diabo, vestido de vermelho purpuro e ostentando a barbicha lalhada em bico, surge na ribalta, inopinadamente, alçava de um alçapão fabricado no palco, assim Joe Louis entra em cena. O espectador carece de tempo para se aconchegar na cadeira e procurar uma atitude confortável. Logo o mulato, metralhando as feições e os costados do inimigo, o estalela a todo o comprimento. O árbitro conta de um a dez, para consumir a obra, e o público coloca o chapéu na cabeça, retirando para casa.

Nos Estados Unidos, esta maneira insistente e constante de reduzir a pó em breves momentos as ambições dos pretendentes ao título mundial dos pesados, baixou a temperatura do entusiasmo popular pelo jogo do soco.

Diz-se, com alguma razão, carecerem de interesse desportivo os matches entre um super-alela e os sucessivos carneiros que ele tem de abater ao semestral, com a monotonia infalível dos acontecimentos previsíveis.

A radiodifusão, espalhando instantaneamente o que se passou a mil léguas de distância, reduz ainda mais a febre do aficionado.

Joe Louis, mercê do seu valor e da extraordinária carência de pugilistas bons nas hostes dos pesados actuais, tornou-se quase indesejável. Succedeu o mesmo ao colosso Jim Jeffries, que há poucos meses se afirmou ter falecido, mas está ainda no seio deste vale de lágrimas.

Durante dois anos, ninguém quis medir forças com o caldeireiro de Carrol (Ohio), que teve de abandonar o ring em 1904, por excesso de prestígio.

Os condutores de Louis andam mais avisadamente escolhendo de vez em quando uma vítima para o sacrifício. Agora foi Mauriello e amanhã será outrem, mas, enquanto se não encontrar um jogador de boxe capaz de dar batalha ao mulato de Detroit, seria preferível congelá-lo com todas as honras.

Não deixaria de ter algum sabor — se existisse uma gazeta oficial de carácter desportivo com o mister de anunciar mudanças de situação, transferências, condecorações, louvores, etc. — a notícia de haver passado à reserva, no posto de Marechal do Ring, o sr. José Luis Barrow, campeão do Mundo, em virtude de ter atingido o limite de idade no posto.

R. B.

TÊNIS

A Final Inter-zonas da Taça Davis

OS Estados Unidos bateram a Suécia no desafio final entre a Europa e a América para disputa da Taça Davis. O encontro decisivo, a travar em Sydney ou Melbourne durante o mês de Dezembro próximo, disputa-se entre australianos e americanos.

BOXE

Fácil vitória de Joe Louis

CELEBROU-SE no Yankee Stadium de Nova York, na presença de 25.000 pessoas, o combate entre o preto Joe Louis e o aspirante ao título, Tami Mauriello.

A luta durou apenas 90 segundos. Depois de atingido no rosto com um bom golpe, cujos efeitos acusou, Louis iniciou um ataque devastador. Mauriello foi tocado no queixo e caiu por 6 segundos, regressando à lona mais duas vezes, a última das quais se tornou definitiva.

É caso para se dizer, como nas barbearias: quem é o senhor que segue?

Fred Woodcock, vitorioso em Londres

REALIZOU-SE em Londres um importante combate de boxe entre o campeão europeu Woodcock e o campeão do mundo dos semi-pesados, Gus Lesnevich. O título não estava em jogo porque o primeiro nomeado milita na categoria máxima.

Woodcock, fazendo gala num poder de golpe violento e na sua combatividade, pôs o americano a dormir ao 8.º assalto. Foi uma bela vitória, um tanto ou quanto imprevista.

NATAÇÃO

Uma excelente proeza francesa

EM Marselha, uma equipa de três nadadores de Toulouse bateu um recorde mundial importante e difícil. Trata-se da prova de 3x100 metros nos três estilos (livre, bruços e costas), que foi conseguida em 3 m. 12,3 s.

Os nadadores que realizaram esta notável proeza foram Alex Jany, Georges Vallerey e Alfredo Nakache, como o leitor decerto adijunhou.

FUTEBOL

Em Inglaterra

Inglaterra escolheu os onze jogadores profissionais que representarão o país no próximo desafio contra a Irlanda, em Belfast.

Eis o grupo: Swift (Manchester City); Scott (Arsenal) e Hardwick (Middles); Wright (Wolves), Franklin (Stoke), Cockburn (Manchester); Matthews (Stoke), Carter (Derby), Lawton (Chelsea), Mannion (Middles), Langton (Blackburn).

A selecção fez-se depois dum encontro entre «prováveis» e «oposíveis», que terminou 2-2. Succedeu, porém, um facto raro, que anulou um juízo de Stubbine. Este avançado-centro dos «prováveis» chutou à baliza e no

momento da bola transpor a linha, sou o apito do árbitro. O tento foi anulado, mas a discussão entre a assistência durou longamente.

O campeonato das Ligas prossegue no ritmo costumado. O Brentford ganhou por 2-1 ao Blackpool contra os prognósticos, embora este lutasse em casa. Atribui-se como causa da derrota a circunstância de Tom Buchan, médio-direito, ter adoecido repentinamente, com um ataque agudo de apendicite, após 25 minutos de jogo.

O Tottenham Hotspur bateu o Newport County por 4 bolas a 2. O vencido fez uma detestável exibição técnica.

A derrota do Charlton, em Lisboa, surpreendeu um tanto os partidários do clube de Londres. Os vencidos atribuem a grande rapidez do Benfica a causa da sua bela vitória.

A vitória do BENFICA e a derrota do CHARLTON



Um defesa inglês intervem com êxito: ao que parece, numa jogada de colaboração da asa esquerda do Benfica



Espirito Santo, com arrencada hemidável de vigor e energia, leve e rápido como um gamo, intenta bater um jogador adversário, que se encontra mais próximo da bola!



O jogador Arsénio, no seu estilo característico, estúpido de fugacidade, segue a jogada com os olhos postos na bola e, como sempre, resolvido a marcar!



Sob a protecção vigilante dos seus companheiros, o guarda-redes Bartram executa uma defesa por alto



O futebol tem fases belas e atitudes do grande estético! Veja-se este trio de jogadores, dois portugueses e um inglês, interessados na mesma fase e discutindo o mesmo problema



Os jogadores portugueses também sabem saltar à bola — batendo os profissionais ingleses...



Luta-se animadamente...

As imagens que publicamos são do encontro Benfica-Charlton disputado no Estádio Nacional, a meio da semana finda. O futebol português conquistou, por intermédio do Benfica, mais um brilhante triunfo. O Charlton, considerado clube fazendeiro da Primeira Liga Inglesa, com os seus famosos jogadores profissionais, foi derrotado sem apelo nem agravo.

Porque, algumas vezes, os goals dão indicações que não traduzem a verdade; um team perde jogando melhor e ganha fazendo peor futebol do que o seu adversário. Neste caso, tal não aconteceu. E de resto, precisamente essa característica que empresta ao triunfo benfiquense um recorte excepcional. O Benfica fez mais e melhor futebol do que o Charlton!

O vento, como em geral ali acontece, no Vale do Jamor, influiu na marcha do jogo: ou melhor, na expressão táctica revelada pelas duas equipas. O Benfica soube aproveitar a favor do vento, organizando muitas ofensivas na primeira parte. Com as necessárias cautelas, evidentemente, dada a fumaça que acompanhava o adversário. Devemos, mesmo, dizer que o Benfica cresceu à medida que o tempo ia passando. Foi melhor, ao convencer-se que, afinal de contas, os ingleses não eram melhores...

Em muitos desafios acontece isto. Um team não produz aquilo de que é capaz, por estar já batido e convencido da superioridade do adversário. O Benfica não é desses. Conta no seu feroz titório sobre grupos estrangeiros da maior categoria. Os ingleses levaram que contar para a sua terra. E gostaram muito!

Os portugueses marcaram na primeira fase do encontro, por intermédio de Rogério, este destacando-se com fintas e sprints magníficos. Nem a inutilização de Cerqueira quebrou o ritmo benfiquense. No decurso desta parte, os ingleses organizaram-se melhor e antes da chegada do intervalo estabeleceram o empate, a cargo de Welsh.

O melhor da partida ainda estava reservado... No segundo tempo, embora com o vento a favor, o Charlton encontrou pela frente um inimigo sólidamente organizado, a qual tapando todos os buracos nunca pôs de lado a ideia de atacar. Caso curioso, os Heboetas jogaram com mais perfeição neste tempo, e o seu quarto de hora final teve verdadeira grandeza. Não sabemos se foi o público que puxou pela equipa, ou a equipa pelo público... Mas não há dúvida que o ambiente estava carregado de electricidade, e o jogo refletia em campo a esperança e a alegria de todos.

A bola da vitória foi marcada por Arsénio, resultando de uma avançada imperfeita dada a pericia dos ingleses na imposição da lei do offside. O que nos parece fundamentalmente de vincar é, no entanto, a vantagem portuguesa mesmo traduzida em oportunidades. Tivemos pelo nosso lado várias ocasiões de goal, mais do que os ingleses, e isto significa muita coisa.

Benfica: Pinjo Machado, Cerqueira, (Teixeira), Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Rui, Arsénio, Espirito, Corona e Rogério.

Charlton: Bartram, Phipps, Shreeve, Dawson, Oaker, Johnson, Fell, Tedman, Robinson, Welsh, Duffy. Arbitro: Carlos Canuto.

Como se deve montar em provas de obstáculos

O que nos disse o capitão Correia Barrento



Capitão CORREIA BARRENTO

EM face das polémicas hípias a que últimamente vimos assistindo, onde se debatem opiniões várias e desencontradas, resolvemos pedir ao capitão Correia Barrento o seu parecer sobre os principais pontos destas discordâncias.

Qual a sua opinião sobre a maneira de montar em obstáculos? O que nos diz sobre os cavaleiros que intervêm ou não intervêm?

Qual a melhor embocadura para o cavalo de obstáculo?

O illustre concursista internacional atendeu-nos prontamente.

— O assunto é muito vasto e, para ser minucioso, teria de me alongar demasiado.

«Não querendo porém recusar-me ao seu pedido, procurarei responder às suas perguntas, ainda que resumidamente e sem quaisquer preocupações literárias, que o assunto não reclama.

«Não aceder, corresponderia a esquivar-me a dar uma opinião que, em verdade, tenho formado à custa de muito e persistente trabalho e aturado estudo, ainda que não seja abalizada.

E o nosso entrevistado começou por nos afirmar:

— A nossa maneira de montar — «monte» — pode considerar-se, assim como a espanhola, uma média entre a antiga escola francesa e a moderna escola italiana. A escola francesa era caracterizada pela ligeira e constante do cavaleiro ao cavalo — estribo comprido e tronco vertical.

«A liberdade do pescoço do cavalo — princípio sagrado e há muito respeitado — era conseguida pelo escorregamento das rédeas na mão esquerda, as quais eram retomadas logo em seguida ao salto, pela mão direita — a grande elegância desta «monte».

«A escola italiana, da qual foi precursor o grande Caprilli, caracterizava-se pela ligação do cavaleiro ao movimento: — estribo muito curto, assento levantado do arrel, corpo inclinado para a frente e contacto constante entre a boca do cavalo e a mão do cavaleiro.

«O cavaleiro furtava-se às reacções provenientes do movimento, pelo jogo das suas articulações, que trabalhavam como moles em torno de uma base constituída pela perna, que se tornava fixa pelo apoio no estribo.

«A ligação constante da mão do cavaleiro à boca do cavalo não impedia a liberdade do pescoço, a qual era garantida pelo jogo das articulações do braço, transformando aquela ligação em contacto suave e elástico.

«A escola francesa entrou imediatamente em declínio, com a aparição da escola italiana, mas esta, embora com enormes vantagens sobre aquela, não podia ser adoptada de uma maneira absoluta, entre nós, pela pouca solidez permitida ao cavaleiro e por exigir cavalos com magnífico temperamento para obstáculos.

«Nós tínhamos de aproveitar os cavalos de que dispúnhamos, com os mais variados temperamentos, e, portanto, tivemos que ajustar-lhes uma «monte», a qual permitisse todas as liberdades da escola italiana, mas com uma maior solidez a cavalo, e isto conseguiu-se balanceando um pouco os estribos.

«Os Italianos, mais tarde, também reconheceram a necessidade da adopção do estribo mais comprido, e supomos que, com pequenas diferenças no comprimento do estribo, é, hoje em dia, a «monte» adoptada em todo o mundo.

«Entre nós, esta maneira de montar foi iniciada há já muitos anos, podendo afirmar que, na sua essência, não se modificou em coisa alguma desde que foi regulamentada.

«Lembra-nos ainda que, no Concurso Hípico de Lisboa de 1931, uma equipa de 16 cavaleiros da Escola Prática de Cavalaria, montando cavalos, todos do mesmo género, fez ali sucesso, pela uniformidade na maneira de montar.

«Esta posição a cavalo é adoptada por todos os nossos cavaleiros e a diferença que se note entre eles reside apenas na condução.

«Parece-nos que, embora como dissemos, resumidamente, respondemos à sua primeira interrogação.

— Quanto à nossa segunda pergunta? — senhor capitão.

— O cavalo não salta por vontade própria, mas sim por imposição do seu cavaleiro.

«Esta imposição pode ser correspondida de várias maneiras:

«Com compreensão e desejo de agradar; com vontade de não ser punido; com submissão fútil; com revolta latente; com revolta constante, etc.

«O cavaleiro impõe-se ao cavalo, comandando-o; comando este que é variável, dando origem, conforme os casos, a maneira muito diferente de actuar e às mais variadas embocaduras.

«As opiniões dos que montam, e especialmente do público, dividem-se: sendo, uns, partidários dos

cavaleiros que fazem intervenções e, outros, dos que as não fazem.

— Mas o que é «intervenção»? — «Intervenção» é a materialização das ajudas — meios de comando.

«O cavaleiro «intervém» quando inicia ou extingue o movimento; quando pretende deslocar-se pelo lado direito ou esquerdo do caminho, quando quer aumentar ou diminuir o andamento, quando transmite ao cavalo o desejo de transpor um obstáculo, etc.

Quer isto dizer que o cavaleiro «intervém» sempre que está a cavalo.

«Em equitação larga, mormente em percursos de obstáculos, notam-se estas intervenções:

Na condução, sempre que esta não vá ao desejo do cavaleiro; ao abordar os obstáculos, sempre que as condições de equilíbrio do cavalo não sejam boas para o poder transpor.

«Num percurso de campo, onde não interessa a limpeza, dado o aspecto dos obstáculos e respeito natural que os cavalos têm por eles, as intervenções são mínimas, resumindo-se quase sempre a acções de pernas; então, os cavaleiros devem dar aos cavalos a máxima iniciativa.

«A medida que o percurso passa pelas modalidades de itinerário desconhecido do cavaleiro, para o de itinerário por ele conhecido, e, finalmente, para o de campo de obstáculos, o cavalo vai perdendo e iniciativa a favor do cavaleiro, sem que este o prive dos seus recursos naturais.

«Numa prova de obstáculos, estes sucedem-se com mais rápida frequência, em limitado espaço e com constantes mudanças de direcção; só o cavaleiro sabe os vários obstáculos que tem a passar, a sua construção, orientação, etc., pelo que lhe perlice toda a iniciativa.

«Por este razão, o cavaleiro deve estudar, com todo o cuidado e previamente, o percurso que tem a seguir; verificando bem as voltas, a distância a que o obstáculo se encontra, em seguida à volta, o estado do piso, a maneira como os obstáculos estão constituídos, se são largos ou estreitos, verticais, simples ou dobrados, etc., etc.

«E, depois de bem conhecer a prova, faz o seu plano para cada um dos cavalos que monta, aproveitando o mais possível as suas facilidades e o rendimento das suas qualidades.

«Na execução do percurso, o cavaleiro deve ter em atenção que, para vencer — e sempre que tenha condições, o verdadeiro cavaleiro

deve entrar para vencer — é preciso limpar o percurso e andar depressa.

«Para atingir estes fins, é indispensável o conjunto formado pelas qualidades do cavalo, do seu provelto ensino e capaz condução.

«Só o cavalo ensinado recebe, sem luta, as «intervensões» do cavaleiro, tanto na execução das voltas, como nas retomadas de equilíbrio ao abordar os obstáculos, quando estas forem necessárias.

«Existem vários factores que interessam ao cavaleiro e influem no êxito da execução do percurso, como por exemplo:

«Havendo um vertical isolado, convém que este seja abordado na passada — *foulée* — para ganhar tempo; se o vertical faz parte de um duplo ou de um triplo, já pode ser diferente a maneira de o abordar e, tanto mais diversa, quanto diversas forem as distâncias entre os obstáculos; sendo um obstáculo marcado e largo, mas isolado, pode ser abordado na passada, mas se fizer parte de um duplo, já tem que se procurar que o cavalo arredonde no primeiro — *flèche atrassada* — para lhe não tocar de pés e sair em boas condições para poder passar o segundo; e ainda difere, se este segundo obstáculo for largo ou vertical e, até, em relação à distância a que se encontra do primeiro; se o cavaleiro entre em pista, no princípio ou no fim, se existem já muitos percursos limpos, se ainda se pode ganhar em *limpeza* ou só em velocidade, se a prova é normal, de regularidade, de equipas, etc., etc.

«Os cavalos não podem avaliar tais situações; é ao cavaleiro que compete fazê-lo, explorando e aproveitando ao máximo as qualidades dos seus cavalos, levando-os a abordar os obstáculos nas melhores condições de equilíbrio, para eles se poderem livrar das dificuldades que possam ter na sua transposição, confiando em que serão postos à prova os recursos das suas montadas, fortificados pelo trabalho anterior, aturado e consistente, dos quais dispõem livremente.

Antes Teixeira

No próximo número o capitão Correia Barrento fará ainda algumas considerações acerca do que acaba de nos expor e responderá à nossa terceira pergunta.

“FLECHA”

é a melhor bicicleta

Análise da temporada de 1946

II — A velocidade prolongada

COMEÇAREI esta crónica de hoje reparando uma omissão involuntária na precedente: a referência aos méritos do corredor de velocidade para, bracarense Nano Moraes, que nas listas de 100 e 200 metros figura nos quarto e terceiro lugares, afirmando-se assim como o melhor entre os novos valores revelados na temporada.

Tanto nos Regionais do Norte, como em Lisboa nos Nacionais, alcança excelentes classificações, que autorizam a prever a confirmação da sua classe na próxima época, uma vez adquirida a experiência das pistas e melhorada a sua condição por uma preparação física conveniente durante os meses de Inverno.

Já no ano passado encontramos dificuldade em catalogar os corredores portugueses nesta secção da velocidade prolongada: segundo os actuais tendências tácticas e doutrinares, o capitão devia abranger as distâncias desde os 300 até os 800 metros, mas a verdade é que muitos dos elementos portugueses mais destacados nesta última prova acamalam a sua prática com a dos 1.500 metros.

Mantendo, portanto, o critério precedente, mais em acordo com a realidade dos factos, deixaremos os 800 metros para o capitão do meio-fundo e ocupar-nos-emos aqui apenas dos corredores de 300 a 500 metros.

Impõem-se-nos dois nomes: Sampaio Peixoto e Matos Fernandes; o primeiro correu apenas os 400 metros e com escassa actividade, o segundo teve a sua época mais activa, figurando nas três distâncias e coroando-a brilhantemente com a conquista do recorde da mais extensa.

Nos 300 metros, prova que os seniores só excepcionalmente

disputam, os melhores resultados foram os seguintes:

Matos Fernandes (Benfica), 37 s. (11-8); Domingos Canhão (Sporting), 37,5 s. (23-6), 37,7 s. (9-6) e 37,8 s. (11-8); Artur Dias (Sporting), 37,5 (11-8) e 38,4 s. (12-5).

João Jacinto (Sporting), 37,7 (25-8); David Moraes (Académico), 37,7 s. (23-6); Elói Pereira (Benfica), 37,8 s. (25-8).

Guardando para depois a citação a Matos Fernandes, anotaremos desde já as provas dos dois novos, Canhão e Moraes, que figuram na lista.

Domingos Canhão, estreante da temporada precedente, jánior do ano, terminou a sua época como seleccionado internacional; dotado de excelente passada natural, com o estilo apreciavelmente cuidado e uma velocidade que lhe permitia a inclusão entre os melhores corredores de 200 metros, este rapaz tem na frente um bom futuro assegurado. Em que distância? Consideramo-lo essencialmente um corredor de 400-800 metros, com maiores possibilidades nos 800 metros, quando a idade lhe assegurar o fôlego, necessário complemento da sua actual vontade e impressionante descontração.

David Moraes também demonstrou óptimas qualidades, muito aproximadas às de Canhão; é

preciso contar com ele para o ano próximo, onde será provavelmente o melhor entre os juniores da distância.

Passemos agora aos 400 metros:

Sampaio Peixoto (Académico), 50 s. (27-7) recorde nacional batido, 51 s. (16-7), 52 s. (7-7) e 52,4 s. (11-4); Matos Fernandes (Benfica), 51 s. (30-6), 51,1 s. (27-7) e 51,2 s. (14-7); Artur Dias (Sporting), 51,8 s. (24-6), 52,4 s. (14-7) e 52-6 s. (30-7); Domingos Canhão (Sporting), 52,9 s. (16-7), 53 s. (30-6) e 14-7; João Jacinto (Sporting), 53,1 s. (16-7); José Vicente (Sporting), 55,2 s. (14-7).

Sampaio Peixoto é, indiscutivelmente, o nosso melhor especialista e um bom corredor, sem quaisquer restrições; a irregular preparação impedia que progressasse quanto a sua classe nos permitia esperar, mas conserva intactas e em reserva as faculdades que lhe permitirão, se quiser e puder, baixar o tempo nacional para a dezena dos quarenta segundos.

Artur Dias não atingia as marcas da época anterior; progresso nulo por falta de método e disciplina pessoal, por insuficiência de cultura física durante o descenso de Inverno, com o objectivo de adquirir mais peso. Guardaremos a referência a

João Jacinto para os 800 metros, que foi a sua prova preferida e para a qual trabalhou em exclusivo e lamentaremos que as ocupações profissionais tenham impedido José Vicente de se cair do suficiente da sua preparação, pois o consideramos o melhor lisboeta na distância. A temporada a vir provar-se-á se temos ou não razão.

Para terminar, passemos aos 500 metros, que não conta entre as distâncias clássicas, mas este ano figura muito laudavelmente no programa de um festival; os corredores beneficiam sempre com a disputa de provas nas distâncias intermediárias, as quais contribuem para lhes dar andamento e delinir possibilidades.

Eis os melhores tempos: Matos Fernandes (Benfica) 1 m. 7,4 s., recorde nacional; Domingos Canhão (Sporting) 1 m. 7,7 s., terceiro tempo português; João Jacinto (Sporting), 1 m. 9,6 s., sétimo tempo nacional; Carlos Castelo Branco (Sporting), e Nicola Godinho (Belenenses), 1 m. 10,5 s. (10.º tempo português); e Pena da Silva (Sporting) 1 m. 11,2 s. (14.º tempo). Todos estes resultados foram estabelecidos no dia 1 de Setembro.

Matos Fernandes juntou um belo florão à sua coroa de glória; atleta excepcional, soube aproveitar a forma aparada de um ano de trabalho intenso e bem orientado para melhorar alguns dos seus resultados. Pena foi que não recebesse dos dirigentes ou das circunstâncias o prémio que merecia o seu labor.

Como corredor, vale-se de invulgar harmonia de movimentos para impor os seus recursos; considero-o um dos melhores portugueses numa distância que nunca cultivo, os 200 metros. Vale, com certeza, menos de 23 s.

Os três novos que encerram a lista, um jánior e dois principiantes, apresentam-se como futuros bons especialistas de 800 metros, distância no qual as nossas hostes se mostram particularmente ricas em promessas.

Castelo Branco, por dificuldades de preparação regular, não atingiu ainda o nível a que pode aspirar pelas suas condições naturais; deixa a impressão de fragilidade, mas sabe com recursos de energia o que possa haver de real nessa aparência.

O belenense Godinho tem muita habilidade, mas a estatura não o ajuda; voltaremos a encontrá-lo ao estudar o quilómetro.

Finalmente, Pena da Silva, embora a mais largo prazo do que os dois precedentes, aligura-se-nos o de melhor classe natural; excelente passada e bom temperamento.

Salazar Carneira

A «V Semana Internacional de Vela»

Algumas palavras do sr. comandante Frederico Cruz

O sr. comandante Frederico Cruz é uma figura de prestígio no desporto náutico. Conhecedor profundo de todos os assuntos de marinaria, é um colaborador valioso do Sr. comandante Tenreiro na Federação de Vela. Amavelmente concede-nos algumas palavras acerca da «V Semana de Vela».

— Os nossos velejadôres obtiveram sucessivas vitórias e por duas razões principais — diz-nos. A sua indiscutível virtuosidade náutica e — o que é importante — os cuidados inteligentes que têm com o seu material.

De uma maneira geral, as regatas de Cascais rodearam-se de dois aspectos: o desportivo, propriamente dito, e o aspecto de propaganda de Portugal no estrangeiro, porque a «V Semana de Vela» vieram elementos de muito valor, não só sob o ponto de vista desportivo, mas também pelo aspecto intelectual e social que essas equipas demonstraram.

Podemos pensar com razão que os pergaminhos náuticos do povo português se vão valorizar ainda mais. O interesse tende a aumentar e, com a percentagem importante destas recentes vitórias, é natural que a nossa juventude mais se preocupe ainda com o belo e salutar desporto. E não se diga que é uma modalidade só para ricos, pois se é verdade que am «Sharpie» ou am «Star» são unidades caras, temos por exemplo o bote de espinha e ainda outras classes de barcos que servem admiravelmente para que todos as classes sociais pra-

tiquem a vela, que o mesmo é encher os pulmões de ar puro, educar o vontade e o carácter.

Não esqueçamos que quando o povo português se afasta do mar, o país entra em decadência. A história da nossa terra assim o tem demonstrado.

O sr. comandante Frederico Cruz aprecia depois os velejadôres que disputaram as regatas internacionais.

— Os ingleses demonstraram ser «Sharpistas» de grande plano. «Mister» Adms é inigualável com ventos fortes e Stefan Green é extremamente hábil. Todos os outros bons, muito bons. Os franceses são de facto de primeira categoria, especialmente em «Sharpies» de 9m². Os espanhóis revelaram-se muito bons em «Snipes», sendo também apreciáveis em «Stars».

Dos nossos, os resultados falam por si. Além de serem todos de categoria internacional, capazes de fazerem boa figura em qualquer parte do mundo, Joaquim Fidza tem positivamente o sexto sentido da vela.

E, a terminar, o sr. comandante Frederico Cruz diz-nos:

— Se mantivermos a actual forma, se este bom interesse e entusiasmo persistir — e assim o creio — estou convencido que conquistaremos lugares de destaque no Campeonato do Mundo e nos Jogos Olímpicos.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Custo por número . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00



Mais vale prevenir qua remediar, e a defesa atlética protege o seu guarda-redes. Sempre é bom!



Correia, da Atlético, em ação. O rapaz tem estilo!

O ORIENTAL Progredindo!



Os ataques do Sporting sucederam-se, bem organizados. Repare-se na energia com que Peyroteo e Vasques saltam à bola!



Não são os Ingleses que estão a jogar, como se poderia depreender do número nas costas. Trata-se de uma defesa de Fernando, do Oriental...

OS "Leões" e o seu REMATE



Os guarda-redes veem-se por vezes em situações difíceis, e em que é preciso dar o corpo ao manifesto... Pobre Laranjeira, sobre o qual caiu um feroz atacante leonino



Um lance animado junto das redes da Caf

O PORTO DESPORTIVO



No jogo F. C. Porto-Boavista, uma jogada na grande área dos «xadrezistas».



A Travesa do Porto a nado. Acácio Agostinho da Costa e Ravara, ambos do F. C. do Porto, respectivamente 1.º e 2.º classificados.



O JOGO
FAMALICÃO
VITÓRIA (G.)
para o
Campeonato
da
A. F. BRAGA



1— Uma movimentada fase do jogo Académico-Leça. 2— O Clube Fluvial Portuense, no decorrer de luzida festa, procedeu ao baptismo de novas embarcações. 3— A nadadora Altria Fiel, do F. C. do Porto, vencedora da prova de senhoras, organizada pelo Grupo Propaganda de Nataçào

O "team" de futebol
do GRUPO DESPORTIVO
de "A ILUMINANTE"



O Grupo Desportivo de «A Iluminantes» colheu à prática do futebol. No seu recente jogo com o grupo da Academia Recreativa 1.º de Setembro de 1867, obteve uma boa vitória por 2-0. O «team» «iluminantes»: no primeiro plano, da esquerda para a direita: Marques, Espírito Santo, Albino, Neves e Rogério. No segundo plano: Ribeiro, Ferreira, Avelino, J. Nunes, Sérgio e José Costa

1— Rleoca, a soco, repele a bola enquanto Curado e Gareta observam... 2— Uma fase na grande área dos «caramanenses».

O VASCO DA GAMA

O basquetebol português conseguiu impor-se com certo aparato nos anos findos, e todos os amadores sabem que tal se deve ao simpático esforço de um clube modesto: — o Sporting Clube de Vasco da Gama. É certo que também outras colectividades têm procurado valorizar o movimentadíssimo jogo, e noutras épocas já distantes também a cidade do Porto possuiu grupos que se baliam de igual para igual com as mais sólidas equipas do país.

O Vasco da Gama, porém, não se tem evidenciado apenas pela boa qualidade do seu basquetebol. Impressiona-nos muito mais a sua dedicação pelo jogo, a constante aplicação dos seus praticantes. No Vasco da Gama não se pára nunca, visto que há muitas semanas assistimos a jogos entre sócios — sistema de preparação que tem dado excelentes resultados no decorrer dos campeonatos.

Este esforço dos vascos tem sido justamente louvado por todos os portugueses, e deve dizer-se, em abono da verdade, que bem merecem os aplausos. O Vasco da Gama, nascido num bairro modesto, a princípio guiado por desportistas também modestos, tem vivido sempre com sacrifício, sem ajudas especiais. Há uns anos, tornou Alves Teixeira conta da sua direcção, e em boa hora isso aconteceu. Conhecedor dos segredos da modalidade, pôde o nosso colega do jornalismo orientar os jogadores do Vasco da Gama de maneira a colocá-los em evidência.

Pode afirmar-se que o Vasco da Gama é o melhor exemplo a apresentar aos clubes desportivos portugueses. Enquanto outros de mais categoria e fama se mantêm alheios nesta altura, já o Vasco da Gama prepara os seus homens e procura desenvolver as suas relações com agrupamentos congêneres. Dizemos isto porque entabulou negociações com o América, forte agrupamento espanhol, que por certo veremos no Porto brevemente. Isto nos afirma que o clube campeão português de basquetebol, a despeito do seu viver modesto, não teme organização de vulto, sempre de olhos postos na propaganda firme da popular modalidade.

Ano IV — II Série — N.º 199
Lisboa, 25 de Setembro de 1946

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUARFINHO DE MATOS
Chefe de Redacção: JAVIERES DA SILVA
Proprietário: DR. GUARFINHO DE MATOS, IRLA
VIA DE PUBLICAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua, nº 10, João Semelhoso, 10. 2.º — Tel. 5.000 — LISBOA
Fornecedora gráfica: DR. ROBOVIANA, LIMITADA — LISBOA

O que se passa sobre andebol?

Já era tempo dos clubes nos darem um ar da sua graça. Clubes e a própria Associação. Em épocas distantes, por esta altura, já as principais colectividades preparavam as suas equipas, chamando jogadores ao campo de treino, promovendo torneios e fazendo projectos sobre a época que ia iniciar-se.

Actualmente, tudo parece envolvido numa atmosfera de evidente desconfiança. A época finda encerrou-se da maneira mais disparatada, e não se tomaram ainda providências que possam acatelar no Porto o futuro da modalidade. Assim, não admira que o andebol nortenho, ainda não há muito senhor da melhor popularidade, venha a perder por completo a simpatia do público.

E a quem pertence a culpa? Ao público é que não. Todos sabem que o público português animou sempre com a sua presença os jogos de andebol, fossem do campeonato da cidade, de Portugal ou entre-regiões. As grandes receitas pertenceram sempre aos campos do Porto...

Ora, esse público, não sendo bem tratado, — afasta-se. Na última época, todos se agruparam para o aborrecer, e não foram menos culpados certos dirigentes com muitas responsabilidades. Prepararam um fim de ano desgraçado, e oxalá que o andebol não tenha recebido tremendo golpe nas suas aspirações de progresso.

Não se afastaram os culpados, nem por vontade própria, nem por imposição de quem de direito. Por isso se pergunta: — «O que se passa sobre andebol?»

MOSAICOS NORTENHOS...

A DERROTA do Salgueiros, por 18-0, causou sincero desgosto. Ainda há quem se lembre muito bem dos tempos em que o popular clube encarnado mantinha a melhor rivalidade com os azuis brancos e, por isso mesmo, a queda dessa rivalidade não pode agradar aos verdadeiros simpatizantes do futebol português.

◀ A VITÓRIA do F. C. P., embora expressiva, não pode tomar-se como denúncia de comprovado valor. A equipa do Salgueiros nunca existiu, o seu guarda-redes foi fraquinho e o ataque nem por momentos embaraçou a defesa contrária. O golo a brincar com o rato... Os campeões portugueses principiaram em velocidade — mas abrandaram à medida que o tempo passava e os tentos foram aparecendo com a maior das naturalidades.

Brilharam, entretanto, alguns jogadores do F. C. P., muito especialmente Araújo, Sanfins, Lourenço e Romão. No posto de interior esquerdo respareceu o pequeno jogador Felcão. Preenche o lugar. Catolino ainda não tem o pé afinado, Alfredo está a adaptar-se muito bem, Anjos conhece o lugar e o trio defensivo... assistiu ao jogo.

Do Salgueiros nem vale a pena falar. Uma referência: — o mau comportamento de Mário Silva, que a A. F. do Porto castigou com 4 jogos. Logo no primeiro desafio de campeonato, havemos de concordar que era bem escusada atitude tão desleal.

◀ OS CAMPOS de jogo, nesta cidade do Porto, continuam a ser péssimos. O F. C. P. utiliza o velhíssimo e apodrecido campo da Constituição. O Bessa — melhorado, não corresponde, apesar disso. O mesmo pode dizer-se de «Augusto Leça». O Lima está agora a receber melhoramentos, e por isso não está utilizável por alguns jogos.

É o problema, como se vê, mantém-se sem solução!

◀ VALONGO, segundo informações de boa origem, telegrafou ao F. C. do Porto a oferecer os seus serviços. Não sabemos, nesta altura, o que pensou sobre o assunto a direcção do popular clube.

◀ O SR. GOVERNADOR CIVIL do Porto, após o seu regresso de capital, reuniu-se com a direcção do F. C. do Porto, constando-nos que seguem por bom caminho os casos ligados ao Estádio pretendido por esta colectividade.

Oxalá! Quando pensarmos no campo da Constituição...

◀ OS AMADORES Joaquim Coste e Joaquim Sá, que na «Volta» a Portugal em bicicleta tiveram bom comportamento, passaram a independentes. Nessa qualidade devem ter corrido na prova de Negrelos.

◀ CORREIA DIAS abandona esta época o futebol, que para este desportista constituiu agradável passatempo. Terá, possivelmente, uma festa de despedida. Mas, se houver receita, lucrará os pobres, porque Correia Dias foi sempre amador.

Os motivos deste abandono — o seu próximo casamento, em Ovar,

FUTEBOL — O jogo mais importante da jornada disputou-se no campo do Bessa, perante uma assistência numerosíssima. De facto, o jogo interessava bastante, visto que o Boavista iria por certo queimar todos os cartuchos. A vitória do team de adrez, a verificar-se, animaria as suas aspirações de chegar ao campeonato nacional.

O F. C. P., entretanto, ganhou o jogo por 4-2, e obteve até certa altura 4-0. A equipa do Bessa fez tudo quanto lhe era possível para se impor, jogando mesmo bem algumas vezes, mas os campeões do Norte, mais serenos e despreocupados, marearam a sua superioridade no remate.

O jogo, a despeito da boa vontade revelada pelo Boavista, não chegou a bom plano. Na equipa do F. C. do Porto, todavia, houve dois jogadores que muito contribuíram para o resultado: — Barrigana e Vítor Guilhar. O guarda-redes do F. C. P. apresenta-se em forma superevidente, movimentando-se dentro da baliza com extraordinário «à vontade». Vítor Guilhar jogou como nos seus melhores tempos. Depois destes elementos — Armando, Romão, Felcão e Catolino. Araújo imitou os jogadores ingleses: — não viu necessidade de «andar muito...»

Do Boavista — Serafim, Armando, Caiado e Ramundo. O ataque do clube do Bessa trabalhou com muito tino no capítulo técnico, mas rematou sempre com pouca eficácia. De resto — Barrigana soube estar presente nos remates mais «serios».

O Salgueiros forneceu nova surpresa, empatando com o Leixões por 2-2. Os elementos de Matosinhos julgaram por certo fácil a tarefa... Os encarnados, com linha melhorada, impuseram-se, entretanto, merecendo até o triunfo.

Em Leça o Académico triunfou por 3-1. Os leiceiros parecem condenados a má época. Diga-se, entretanto, que o Académico promete surpreender neste seu regresso à 1.ª Divisão.

CICLISMO — Disputou-se o Circuito das Aves, a que concorreram equipas do F. C. P. e de G. D. de «A Luminante». Os portugueses ganharam individualmente e por equipas. Em 1.º lugar classificou-se o pequeno Onofre Tavares, à frente de José Martins (2.º), Driess (3.º), Dias Santos (4.º), Djilali (5.º), Manuel José Pereira, do Salgueiros (6.º), e Império dos Santos, individual (7.º).

HOQUEI EMPATINS — Para o campeonato nacional, o Hoquei Clube de Sintra deslocou-se a esta cidade, onde foi adversário do Infante de Sagres e do Académico. A carreira dos homens de Lordelo tem sido mais feliz que a do Académico. Os sintrenses empataram com os primeiros por 3-3 e ganharam aos segundos por 3-2.

Como se sabe, o Infante de Sagres ganhou também aos académicos, no seu próprio «rink» do Lima.

Base-ball, Pelota-base

CERTOS desportos possuem, sem que se compreenda bem porquê, características absolutamente nacionais; adquirem enorme popularidade no país de origem, mas não conseguem infiltrar-se nos usos dos outros povos.

E assim, por exemplo, o caso do *sericket*, que pode considerar-se desporto exclusivo dos britânicos, que o praticam tanto em Inglaterra como nos Domínios ou em qualquer ponto do Mundo onde se tenha colónia mais numerosa.

O mesmo se poderia dizer do *base-ball*, jogo que entusiasma as multidões americanas e nunca conseguiu, apesar de diversas tentativas, criar raízes na Europa. Pois está quebrada a exclusão e, por mais estranho que o caso pareça, foi um povo de temperamento e costumes muito diferentes dos Estados Unidos, quem o adoptou e cultivou com êxito.

A nossa vizinha Espanha possui uma organização federativa do *base-ball*, traduzido para *pelota-base*, com ramificações em diversas províncias; o campeonato nacional, que acaba de ser disputado com uma concorrência interessante, foi ganho pela primeira vez pelo Barcelona, que destronou o Madrid após um encontro memorável e presenciado por multiões entusiasmados.

Amadorismo

O Congresso da Federação Internacional de Ailetismo pretendeu rever a classificação dos amadores, mas a intransigência dos defensores do actual rigorismo obrigou ao adiamento do estudo do problema, para evitar os perigos de uma cisão.

Este problema do amadorismo já vem de longe a apresentar dificuldades de solução; não é de agora que se proclamam os lucros ilícitos dos que se dizem amadores, nem esta a primeira vez que se reconhece a falsidade do juramento olímpico por parte de uma maioria daqueles que o prestam.

Recordam-nos, a este propósito, dois episódios já velhos, mas oportunos, porque conservam o seu modo de actualidade.

Na reunião que em 1928 celebrou em Amesterdão o Congresso da FIFA, veio, numa das sessões, a propósito de qualquer assunto, à baila a situação dos jogadores profissionais de futebol na Europa Central, cujos países não haviam comparecido ao torneio olímpico. O jogador Hugo Meisl, o austríaco que conseguiu preparar o *wunderleam*, levantou-se a certa altura para entrar na discussão

e, com a autoridade do seu enorme prestígio, afirmou peremptoriamente: «Os profissionais do meu país ganham menos dinheiro por jogar futebol do que a maioria daqueles que aqui se encontram como amadores olímpicos».

E não houve uma voz que se levantasse para protestar contra a ousada afirmativa.

Oito anos volvidos, após os Jogos de Berlim, a eterna controvérsia sobre a falsidade do amadorismo olímpico reacendeu-se. Um jornalista francês foi a Genebra entrevistar o barão Pierre de Coubertin, já ao tempo afastado voluntariamente da presidência do Comité; as declarações do fundador do moderno olimpismo foram publicadas em *«L'Auto»* e provocaram escândalo, pois disse, entre mais coisas, que na sua ideia nada impedia os profissionais de participarem nos Jogos, e tanto assim era, que nos termos do famoso juramento, cuja redacção lhe pertencia, não havia uma única palavra que se relacionasse com o amadorismo obrigatório dos jogadores.

Assim se pode concluir que os actuais olímpicos, acérrimos defensores do purismo amador, são mais papistas do que o papa...

II DIVISAO DA A. F. L.

O ESTORIL PRAIA

Isolou-se à cabeça da classificação

O campeonato da II Divisão da A. F. L. teve, no último domingo, a sua segunda jornada.

Registada a segunda «saída» das seis equipas concorrentes, tornou-se possível um juízo mais seguro sobre as suas possibilidades neste começo de temporada. A confirmação ou ratificação de valores era indispensável e os encontros do último domingo satisfizeram essa necessidade.

Confrontando os resultados dos desafios das duas jornadas, vê-se que a vitória do Arroios sobre o Sacavenense, na jornada de abertura, foi mais consentida do que obtida, dado que a pesada derrota deste em frente do Casa Pia tem fatalmente de reflectir fracas possibilidades. De resto, já havíamos assinalado que no primeiro dia do campeonato se jogara pouco. Por outro lado, a circunstância do Operário, nitidamente vencido pelo Estoril há oito dias, ter agora chegado para o Arroios, corrobora aquela impressão.

Parece, portanto, que os únicos pretendentes sérios ao título são o Estoril e o Futebol Benfica. Mas o primeiro ficou já com meio caminho andado...

A segunda jornada do campeonato ofereceu a coincidência de veras curiosa de terem sido visitadas as três equipas que deviam ser visitantes. Isto, porque tanto o Operário como o Sacavenense não dispõem de campo e o Fute-

PUGILISMO PROFISSIONAL

Bonetti e Minelli

distinguem-se no Estádio Mayer

O jogo do boxe, quando praticado por especialistas que dominem a técnica e sabem bater-se, constitui uma expressão magnífica do valor masculino. Foi o que os espectadores tiveram ocasião de apreciar no Estádio Mayer, no sábado, ao assistir a duas pugnas de superior qualidade entre o italiano Bonetti e o espanhol Young Ciclone, primeiro, e entre o moçambicano Jorge Larsen e o italiano Minelli, em seguida.

Bonetti conquistou uma vitória por pontos, merecidíssima, em 8 assaltos, dominando acenadamente o adversário. A sua constante mobilidade de pernas tornou-o sempre um objectivo inacessível, difícil de alcançar.

Ciclone fez tentativas várias, quase sempre impróprias, e foi duramente tocado no rosto, acabando o combate baldio de longe. Embora perigoso e combalivo, o espanhol pecou por atecer a descoberto numa guarda baixa, em

lugar de utilizar o seu envergadura superior, empregando directos.

Boa decisão e trabalho de Jordão França, na arbitragem.

O outro desafio, o principal, entre o campeão dos meios-médios, Jorge Larsen, e o italiano Minelli, acabou em empate muito injusto. Por mais que o facto pese aos admiradores do português, entre os quais nos encontramos, a verdade manda dizer que Larsen foi vencido por pontos e até abusou de certas irregularidades desnesceárias (não recuar um passo à voz de *break*, bater com a cabeça, prender e bater, golpear com os antebraços, etc.), que, além de lhe retirarem pontos, contrastou com a lealdade e cavalheirismo do seu adversário.

O punho esquerdo de Minelli, sempre activo, entrando na guarda de Larsen e alcançando com frequência os olhos do atleta português, produziu moço evidente. Se o italiano dispusesse de um soco forte, teríamos assistido a uma derrota chocante e espectacular de Larsen, apesar do seu brio e de sua resistência.

O trabalho de Minelli nos corpos-a-corpo, ora travando ora detendo, ora ainda, aplicando golpes em série aos braços e abdome, merecia a justa compensação de uma vitória por pontos.

O resultado, um empate no fim de dez assaltos, resolvido pelo árbitro, contentando umas centenas de espectadores facciosos, manchou a sua reputação de juiz competente e imparcial.

É certo que errar é humano, mas a vantagem de Minelli e os conhecimentos de José de Araújo sobrevem para podermos dizer que se tratou de um erro de visão ou de critério.

Em abertura assistimos ao combate de Alfredo de Oliveira e Manuel Duarte, um povo que se estreia no profissionalismo, e deixou boa impressão de habilidade, embora fisicamente fraco e estênico.

O combate entre Alamo e Figueiredo 2.º concluiu pela vitória do canerim, por pontos, em 8 assaltos. Alamo ganhou muito limpemente, secudindo um adversário gordo e enojado, sem treino nem técnica, com a cara constantemente descoberta e ao alcance dos golpes.

Figueiredo foi derroçado como poucas vezes o haverá sido, terminando cheio de fadiga e a ponto de cair exausto na lona, o que não sucedeu pela escassa duração do *match*.

Em resumo: a sessão valeu pelos dois combates dos italianos, que pagaram com juro os preços dos bilhetes.

R. B.

FLECHA

é a melhor bicicleta

Diamantino Dias



Os ciclistas do Grupo Desportivo de «A Iluminantes» com os trofeus conquistados na Volta a Portugal, na cerimónia de distribuição levada a cabo no Coliseu dos Recreios em esta promovida pelo «Diário de Notícias» e «Mundo Desportivos»



A brilhante actriz Mirita Castilho entrega a Mariano Amaro, capitão do Belenenses, a taça ganha por este clube no Torneio Relâmpago do Estádio Nacional



No passado domingo efectuaram-se na piscina do Aljés e Dafundo as primeiras provas de selecção para o próximo Portugal-Espanha. Nos 1.500 metros Baptista Pereira e Belmiro Santos saltaram-se, nadando em bom estilo



Armando, o conhecido jogador de futebol do Belenenses, consorciou-se na passada quinta-feira, na igreja de S. Mamede. Está, na companhia de sua gentilíssima esposa, a sr.^a D. Maria Otília Madeira Leitão Sampaio. Desejamos aos noivos as maiores venturas

CONCURSO HIPICO DE CASCAIS



As duas mais importantes provas do Concurso Hípico de Cascais foram disputadas com o maior entusiasmo pelos melhores cavaleiros portugueses. Correia Barrento no "Raso" (1) que triunfou no "Grande Prémio" enquanto que o Marquês do Funchal no "Ebro" (2) conquistou a "Taça General Carmona"

A EQUIPA DO CHARLTON



A EQUIPA DO CHARLTON



A EQUIPA DE HONRA DO CHARLTON ATHLETIC CLUB
vencido pelo S. L. e Benfica



Flecha

a bicicleta dos campeões

A ILUMINANTE

Stand FLECHA
Largo do Intendente - Lisboa



Stadium
2,00